

# Autobiografia comentada: uma descrição etnográfica

João Rivelino Rezende Barreto<sup>1</sup>

## Resumo

A partir de uma autobiografia comentada o presente artigo põe a pensar no discurso antropológico sobre a cultura Tukano. Ao mesmo tempo trata de estabelecer um discurso Tukano sobre a “cultura” manauara. Outros locais se destacam também, mas tomemos esses dois (a aldeia e a metrópole) como limites de uma só extensão onde importa menos o lugar em si do que as relações experimentadas em cada caso. O ambiente em que tudo isso se dá estende-se da comunidade São Domingos Sávio onde tenho as lembranças de minha primeira infância, até a cidade de Manaus onde crio meu filho.

**Palavras-Chave:** Interetnicidade Tukana; coletividade e retorno cultural.

## Abstract

From an autobiography commented this article puts the thought in anthropological discourse on culture Tukano. At the same time is to establish a Tukano speech about the “culture” Manauara. Other sites also stand out, but let’s take these two (the village and the metropolis) as a limit of one extension where the place is less important than the relationships themselves experienced in each case. The environment in which all this takes place extends from São Domingos Sávio community where I have memories of my early childhood, to the city of Manaus where I create my son.

**Keywords:** Interetnicidade Tukana; collectivity and cultural return.

---

1 - Mestre em Antropologia Social-PPGAS/UFAM.

## 1 Apontamentos iniciais e unidades pessoais

Chamo-me João Rivelino Rezende Barreto. Filho de Luciano Barreto (Tukano da comunidade São Domingos Sávio) e Maria Clélia Rezende (Tuyuka da comunidade São Pedro – já falecida); ambas as comunidades são do alto rio Tiquié, noroeste amazônico. Somos quatro irmãos: Maria Neuza (*Pirõdubigo*), José Paulo César (*Doé*), eu, Rivelino, e Luis Ademar (*Buú*). Atualmente meus familiares moram no município de São Gabriel da Cachoeira, enquanto resido na cidade de Manaus há 10 (dez) anos.

Nasci no interior da cidade de Mira Flores, Colômbia, no dia 29 de outubro de 1980. Hoje, meu pai tem 71 anos de idade e minha mãe faleceu aos 40 anos quando completei 11 anos, na Ilha de Caju, localizada no baixo rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira<sup>2</sup>. Meu pai e minha mãe foram alunos dos salesianos no Distrito de Pará-Cachoeira, rio Tiquié.

Meus avós paternos, Manoel Juliano Barreto (Tukano, renomado e um dos últimos *yaí*<sup>3</sup> no grupo) e Luiza Borges (Tuyuka), se uniram pelo sistema de raptaçã<sup>4</sup> muito utilizado para formações conjugais em seus tempos. Em 1952, aos doze anos, meu pai foi levado para o internato da missão salesiana de Pará-Cachoeira. Para ele, foi o primeiro choque com a cultura não indígena que já antecederam com meus tios e avós também. Nos diálogos memoriais de seu tempo de aluno, sempre descreve a realidade educativa imposta pelos salesianos com disciplinas rígidas e até abuso de poder em combate aos conheci-

---

2 - Em consequência da enfermidade da minha mãe e casamento da minha irmã Neuza com José Maria Lizardo da Silva (Tariano), deslocamo-nos para a comunidade Taperera, precisamente na Ilha do Caju, que marca a divisa entre os municípios de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro.

3 - *Yaí*: pajé. Em São Domingos Sávio os dois últimos *yaí* (pajés) que tivemos foram: Mandu Kuriano (meu avô) e seu primo Ponciano, o primeiro era conhecido como Kuriano Yai, e o segundo era conhecido como Ponciano *Yaí*. *Yaí* é diferente do *kumu* (benzedor). *Yaí* é aquele que descobre os tipos de doenças, enquanto que *kumu* é aquele que cura uma doença a partir da explicação do *yaí*. Em certa medida, a capacidade do *yaí* não ultrapassa da descoberta de uma doença, ficando assim uma responsabilidade maior para *kumu* que é o curador. No caso do meu avô, exercia as duas funções, era *yaí* e *kumu* simultaneamente; ao passo que meu pai era *yaí* e passou a ser *kumu*.

4 - Esse sistema se tradicionalizou entre as etnias indígenas do noroeste amazônico. Geralmente era o sistema que estabelecia as trocas matrimoniais e consequentemente as relações sociais entre o grupo do marido e o grupo da mulher, gerando assim o sistema de afinidade. De outra forma, entre os Tukano e Tuyuka, por exemplo, esse sistema funcionava da seguinte forma: os Tukano querendo conseguir uma mulher para uma determinada pessoa planejavam a raptaçã em local diferente, nesse caso, na maloca dos Tuyuka. Na véspera pernoitavam nas proximidades da maloca e a partir das quatro horas da manhã cercavam a maloca e o chefe do grupo ao entrar na porta começava a dialogar, porém, a recepção dos anfitriões era em clima tenso, gerando assim muitos confrontos físicos, muitas vezes era uma viagem perdida, mas geralmente o grupo que raptava a mulher era de grande número. Além disso, a mulher não conseguia escapar, assim como gerava muitas dificuldades até chegar à canoa, por exemplo, se agarrando em qualquer toco de árvore que encontrasse no caminho. Hoje, esse sistema não é mais praticado, assim como não mais uma obrigatoriedade as trocas matrimoniais.

mentos tradicionais dos povos indígenas<sup>5</sup>. Sendo da geração Tukano (hoje mais velhos) de São Domingos Sávio, meu pai é da segunda turma de alunos salesianos, missionários que chegaram ao rio Negro em 1914<sup>6</sup>, a princípio em São Gabriel da Cachoeira; em Pará-Cachoeira, chegaram a partir dos anos 1940<sup>7</sup>, onde instalaram internato e escola para evangelização catequética.

Quanto ao sobrenome Barreto que assinamos hoje, foi proposto também pelos missionários salesianos a partir da formação dos seus primeiros alunos. Em geral, essa equivalência passou a se adaptar e ser assimilado pelos diversos coletivos indígenas do noroeste amazônico, isso é, o sobrenome passou a ser uma forma de identificação. Entre as sugestões, os missionários expuseram vários sobrenomes na lousa e os meus tios escolherem então o sobrenome Barreto. Antes disso, o que equivalia nominalmente era a denominação tradicional de cada coletivo, isto é, nós éramos conhecidos (até hoje somos conhecidos com esse nome) como *Sararó Yuúpuri Búbera Pōra (darsea)*<sup>8</sup>. Em decorrência disso, muitos coletivos (menores) indígenas no Alto Rio Tiquié e suas adjacências, são conhecidas pelo sobrenome que passou a equivaler como família Barreto, família Pena, família Bastos, família Nery, etc. Uma forma de reunir diferenças que se fez importante para todos, índios e não índios. De outra forma, o sistema educativo implantado pelos salesianos, mesmo com suas atrocidades iniciais, trouxe benefícios e também perplexidades, sobretudo pela reação violenta aos conhecimentos indígenas associados às práticas rituais de “benzimento” que foram proibidas e hostilizadas, passando a ser entendida como coisas anormais e diabólicas. Assim, para alargar as proibições das práticas rituais, os missionários con-

5 - Ao falar de uma das ações missionária contra as tradições indígenas na região do alto rio Negro, Lasmar (2005, p. 36) diz que “as crianças eram expressamente proibidas de falar as línguas nativas, e o sistema de policiamento e punição adotado pelos religiosos estimulava a prática da delação. Um ato flaglado falando sua própria língua passava a carregar, pendurado ao pescoço, algo como uma tabuleta onde se lia a inscrição “não sei falar português”; e só se via livre do castigo quando apontava outro aluno que estivesse praticando a mesma infração, a quem passava, então, o distintivo infame. A língua portuguesa foi assim rapidamente disseminada entre os jovens”.

6 - Conforme Costa (2010, p. 7), “A ação salesiana na Amazônia remonta à criação pela Santa Sé da Prefeitura Apostólica do Rio Negro, em 1910, confiada à Congregação Salesiana em 1914, mas o início efetivo se deu com a fixação da comunidade salesiana e do prefeito apostólico em São Gabriel da Cachoeira em 1916, precedida de uma visita de reconhecimento em 1915”.

7 - Segundo Rezende (2010: 39) os “os salesianos chegaram em Pará-Cachoeira em 1940 e ficaram até 1998. Sua chegada foi um marco histórico significativo para os povos indígenas que moravam nesta região: Tukano, Tuyuka, Desano, Barasana, Hupda, Makuna... A história anterior à chegada dos salesianos não é medida cronologicamente pelos indígenas da região. É história narrada de forma mitológico-ritualística: a compreensão-interpretação do surgimento do homem e do mundo; a formação étnica, a determinação de espaço ocupados durante o nomadismo e sua estabilização; explicação das dimensões política, social, econômica e religiosa da vida”.

8 - Tukanos.

venceram seus primeiros alunos, os quais tornaram-se peças importantes das ações dos salesianos, confiando-os com a função de “delegados” em cada área.

Um dos exemplos claros que meu pai conta ocorreu na comunidade São Domingos Sávio, aliás, isso descreve a atitude imposta em prática pelos delegados indígenas contra as próprias tradições indígenas no contexto sociocultural do noroeste amazônico. Meu pai, certa vez, retornou à comunidade depois de uma viagem feita a São Gabriel da Cachoeira (trabalhava na embarcação dos salesianos) e organizou uma “festa” com um bom caxiri que sua mãe Luiza sabia preparar muito bem. De repente, seu irmão Antonio Barreto (primo paralelo), que era “delegado”<sup>9</sup>, foi alertá-los para que parassem com aquela “brincadeira”, pois, se continuassem, iria denunciá-los junto aos padres superiores. Meu pai ignorou o alerta e continuou com animação. Passado alguns minutos, tio Antonio retornou novamente, tomou com violência o conjunto de carriço das mãos do meu pai e quebrou todos na sua frente. A reação do meu pai quase sucedeu em desastre, pois buscou sua espingarda e deu um tiro por cima do tio Antônio; este, por sua vez, teve que se esconder na sua casa e posteriormente se dirigiu para a missão salesiana para denunciar o fato. Passado algum tempo, meu pai foi chamado para audiência junto aos padres salesianos que ocorria mensalmente. Os delegados esperavam que os salesianos dessem uma punição ou uma alerta severa, mas a sorte coincidiu com o fato, pois o padre-diretor nessa ocasião era seu antigo professor e diretor. Apesar disso, meu pai não perdeu seu tempo e expressou seu pensamento a respeito das intolerâncias dos salesianos com relação aos princípios Tukano. Muitos indígenas ficaram a favor do meu pai e começaram a questionar o comportamento e exagero dos missionários e dos “delegados”.

O tempo foi passando e a exploração da borracha na Colômbia trouxe grandes transformações. Diante disso, meu pai mandou recado para seu tio Xavier Sierra<sup>10</sup> para que viesse buscá-lo, até porque, tinha recusado uma proposta de casamento com uma mulher Tuyuka do Onça Igarapé. Em torno dessa situação é que em 1960, aproveitando a visita do seu tio Xavier Sierra, Luciano (meu pai) foi pra Colômbia com propósito de passar pouco tempo, mas acabou ficando vinte anos. Como ele não retornou, seus pais foram buscá-lo na e junto levaram uma jovem de 20 anos, Maria Clélia Rezende (Tuyuka), a qual se casou com meu pai, na época com 32 anos. Ambos não se conheciam, mas a importância do meu avô, que era um grande *yai* (pajé), falou mais alto. Foi assim que eles se uniram, não diretamente pelo sistema de

---

9 - Os então “delegados” (ex-alunos) nomeados pelos salesianos eram responsáveis pelo controle das proibições em cada setor do alto, baixo e afluente (s) do rio Tiquié.

10 - Seus familiares pertencem ao grupo Tukano *Iâremirâ Sararó*, porém, seu ancestral era irmão de *Yuúpurî Búbera*, disso se diz que é um mesmo grupo. Além disso, foi com os integrantes do grupo Tukano *Iâremirâ Sararó* é que o antropólogo Marc Fulop (Aspectos da Cultura Tukano) fez sua pesquisa e que recentemente (2009) foi publicada pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB) em parceria com Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

rapto violento, mas por iniciativa do meu avô, que buscou uma esposa para seu filho, através do rapto negociado, mantendo o jogo das relações de trocas matrimoniais com os Tuyuka.

Geralmente, o funcionamento ideal do sistema (trocas matrimônias) informava que minha irmã mais velha (Neuza Barreto) deveria ter se casado com um Tuyuka do grupo de minha mãe, portanto um primo cruzado, mas ela contrariou e se casou com um Tariana, quebrando assim o ciclo ideal das trocas. Isso não significa que tenha fechado a dinâmica, pelo contrário, hoje depende muito da iniciativa de cada um e todos respeitam os fundamentos do sistema. Assim, quando um Tukano se casa com uma mulher Tuyuka, por exemplo, não é mais obrigação dar sua irmã ou tia como recompensa e/ou devolução como era exigido no tempo de meus avós. Ainda que transformado, nota-se um princípio estrutural (hierárquico e afim) associado a um expressivo esquema sociológico (de filiação unilateral) entre os Tukano<sup>11</sup>.

De outra forma, a produção da borracha na Colômbia passou a atrair muitos indígenas que deixaram suas comunidades locais dos rios Tiquié, Waupés e Negro<sup>12</sup>. Muitos foram com previsão de passar seis meses e nunca mais retornaram para suas comunidades. Esse é um dos maiores períodos de migração dos integrantes da Comunidade São Domingos Sávio, local onde os Tukanos *Sararó Yuúpurí Búbera Põra* situam e reconhecem sua origem. Entende-se que, mesmo que as novas gerações tenham nascido em diferentes localidades, os pais darão como referência primordial da origem de sua coletividade a Comunidade São Domingos Sávio. Assim, hoje em dia sabemos que muitos querem retornar para lá e viver com os parentes em seus modos tradicionais de vida; porém, acredita-se ainda que, mesmo com essa possibilidade, seja difícil a construção de uma readaptação. Desta forma, muitos dos meus tios, tias, primos e primas, que não conheço pessoalmente, existem em minha pessoa como integrantes do que estou chamando de coletivo *Sararó Yuúpurí Búbera Põra* e que continuam construindo a unidade Tukano em diversos lugares e em meio às culturas diferenciadas. Essas unidades podem ser situadas, mas não fixadas no espaço.

No caso do meu pai, o retorno ao Brasil não estava nos planos, mas que aconteceu em consequência da violência que assolou a região em que estavam morando. Havia muita disputa e perseguições por parte dos guerrilheiros e também pela parte do governo colombiano, o qual tentava combater o crime organizado. Hoje em dia, meu pai é uma das referências para efetivação dos benzimentos (*barsesé*) envolvendo a formação e transformação social do homem Tukano, do nascimento da criança até adolescência; praticamente é um renomado *kumu* Tukano (benzedor Tukano).

11 - "Princípio estrutural" e "esquema sociológico" construídos com o auxílio de vasta produção etnográfica acumulada a partir dos anos 1970 (ver Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro, 1979).

12 - Segundo Cabalzar (2006, p. 89), "a exploração da borracha, que atingiu o alto rio Negro no final do século XIX até meados do século XX, se intensificou devido à grande demanda decorrente das duas grandes guerras mundiais...".

Se pensarmos um pouco nos benzimentos, podemos destacar o corpo da mulher no período da menstruação que fica exposto aos olhos dos encantados (peixe-gente) que podem atacar com suas armas. Claro que nós, humanos, não os vemos, mas que sabemos existirem “seres-humanos” no além dos nossos olhos composto por animais e peixes, sabemos. Essa condição de agenciamento no mundo, distribuída para além dos humanos, permitindo cambiar a condição de sujeito entre formas distintas, foi o que Viveiros de Castro (2002) traduziu no termo *perspectivismo*<sup>13</sup>. Em geral, essa questão pode ser entendida da melhor forma nos procedimentos formativos e desenvolvimento da criança. E para essa relação e sustentabilidade do corpo humano junto ao universo “cultural de seres humanos”, do além dos nossos olhos, é que precisa o benzedor fazer trabalho que equilibre o relacionamento do bem-estar, da saúde e do desenvolvimento do ser humano em sua totalidade. Nessas condições, os primeiros processos da formação de um Tukano são estabelecidos pelos acompanhamentos rigorosos efetivados com benzimentos.

Praticamente esse foi o marco de um retorno para São Domingos Sávio, isto é, eu não nasci na comunidade, mas cresci e passei a me identificar porque ali meus avós se estabeleceram um dia e meus pais continuaram se identificando com aquele lugar. Isso é suficiente para eu acreditar que meu filho também terá as mesmas considerações que eu, por mais transformações que puder assimilar em sua vida. São Domingos Sávio existe no lugar (alto Tiquié) e no coletivo *Sararó Yuúpurí Búbera Põra* que lhe confere sentido. É uma forma de unidade e, portanto, um coletivo.

## 2 Aprendendo a ser Tukano em São Domingos Sávio

No ano de 1984, entrei na escola formal da comunidade. De pouca coisa lembro, mas tudo era novidade; assim, ir pra escola nos primeiros dias era uma alegria, mas aos poucos essa afinidade começava a ser um pesadelo, muitas vezes pelo medo que tínhamos do professor ou porque, simplesmente, os estudos não condiziam com nossa realidade, mas por obrigação dos familiares estávamos todos os dias na sala de aula.

Toda noite minha mãe, assim como outras mulheres da comunidade, preparava *manicuera* tirado do caldo da mandioca, fervida a alta temperatura no fogo. O ritmo de vida na comunidade era dinamizado entre as atividades familiares e comunitárias. Meu pai tinha o hábito de pescar mais a noite. Havia também tempo para derrubar

---

13 - Conforme essa noção, “tipicamente, os humanos, em condições normais, vêem os humanos como humanos e os animais como animais; quanto aos espíritos, ver estes seres usualmente invisíveis é um signo seguro de que as ‘condições’ não são normais. Os animais predadores e os espíritos, entretanto, vêem os humanos como espíritos ou como animais predadores... Vendo-nos como não-humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos vêem como humanos. Eles se apreendem como, ou se tornam, antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie de cultura...” (Viveiros de Castro, 2002, 350).

e plantar roça e cada um tinha seu ponto de referência. Cada família vivia da melhor forma possível, assim como vivíamos numa casa bastante humilde, onde a cobertura e as paredes eram de palhas. Não tinha divisão de quartos. Com uma entrada e saída nos fundos, sem janela. Dormíamos nas redes enfileiradas, isto é, meus irmãos e meus pais é que dormiam nas redes.

Foi em meio às circunstâncias de vida na comunidade que se iniciaram as especulações da descoberta de ouro no rio Traíra entre os anos 1984/85. As viagens que meu pai fazia com meus tios, liderados pelo meu primo Cláudio Barreto, até o rio Castanho, afluente do rio Traíra, é que resultaram na descoberta do Garimpo Tukanano, e as atenções se desdobraram em todos os níveis regionais e até mesmo em contexto nacional. Nessas ocasiões, em São Domingos Sávio, minha mãe e minhas tias (cada uma em suas casas) é que se responsabilizavam pelas famílias, já que a maioria dos homens estava em busca de ouro. Mas é claro, os mais velhos estavam sempre presentes, como era o caso do meu avô Kuriano, o qual, vez ou outra, me levava para pescar com ele. Ao perceber que as coisas se tornavam difíceis, minha mãe se dirigia à aldeia dos seus pais Emílio Rezende (Tuyuka) e Joaquina Campo (Desana). Em uma dessas ocasiões, lembro que era o único menino que falava a língua Tukano entre a gurizada Tuyuka. Como o diálogo não combinava bem, me esforcei para aprender e falar a língua Tuyuka, embora já entendesse perfeitamente por questão maternal: em casa minha mãe falava conosco somente com a língua dela (Tuyuka), assim, mesmo que não falássemos, entendíamos bem.

Fato é que, nessas ocasiões, se percebia que, embora estando nas suas origens familiares, minha mãe já não se identificava com aquela comunidade e sim com a do meu pai; parecia que aquela comunidade estava fora dela e já não fazia parte de sua vida a não ser os seus pais e familiares vivos. Essa questão se observava também da parte das minhas tias Tukanas que se casava com os Tuyukas e dificilmente vinha visitar-nos na comunidade a não ser em festividades e por questões de necessidades. Certamente, é o efeito dinâmico de uma organização social impulsionada pelo sistema patrilinear, um sistema em que a mulher quando se casa (obrigatoriamente com homem de coletivo linguístico diferente) tem por obrigação morar na comunidade de seu esposo. Essa transição é que estabelecia uma relação social de aliança e afinidade. Assim, em consequência do efeito de uma aliança matrimonial, eu, por exemplo, crescia na comunidade do meu pai e podia morar parcialmente na comunidade dos meus avós maternos. Enquanto minha mãe (Tuyuka), tendo casado com meu pai (Tukano), passou a se identificar como pertencente à comunidade São Domingos Sávio, localidade referência dos *Búbera Põra*.

No âmbito da comunidade São Domingos Sávio, a vida se constituía num ciclo contínuo e em caráter particular de cada família nuclear, ao mesmo tempo, se estabelecia em conjunto quando havia contato com outros coletivos linguísticos, espe-

cialmente com os Tuyuka dos igarapés Onça e Cabari. Diariamente, cada Tukano construía sua vida e sua atividade, desde a particularidade familiar até a exploração da floresta e rios que podem ser realizadas individual e coletivamente. Uma das atividades coletivas era a jornada de pescarias que cheguei a acompanhar nos igarapés Onça e Cabari. Geralmente, as pescarias ou as caçadas de grandes portes são realizadas pelos indígenas em vista das festividades envolvendo a partilha entre os coletivos linguísticos diferentes ou até mesmo entre os grupos locais. Cada chefe de família nuclear fazia os roçados conforme seu alcance; nesse caso, quem tem filhos homens é que sobressaía na produção de roças, embora houvesse um trabalho coletivo na comunidade. Tradicionalmente, fui aprendendo a construir o meu ser Tukano observando o ritmo de vida diária na comunidade, desde os trabalhos dos meus pais até no relacionamento com meus tios, primos, primas, avôs e avós. Além disso, a escola formal proporcionava nova meta racional ou que a imagem escolar que meu pai falava (lembrava) em seus contos mitológicos e históricos não existia mais em minha presença, simplesmente estava na memória dos mais velhos e pouco se praticava àquilo que falavam ser “nossa cultura”.

Entre as atividades cerimoniais que persistiram foram as festas de oferecimentos (*Poosé*) que ocorriam tanto na comunidade interna como nas comunidades vizinhas. No meu tempo de criança, meus pais ainda realizaram uma festividade de oferecimento e cheguei a observar os momentos preparativos, mas que na hora da execução dessa festividade estava longe do centro, isto é, fazendo companhia aos meus amigos. Apesar disso, havia momentos em que meu pai não acompanhava meus tios devido à saúde debilitada de minha mãe ou simplesmente não aceitava o convite, devido aos problemas e desentendimentos entre os integrantes do nível local da comunidade. Assim, participei de poucas festividades nesse estilo, ao mesmo tempo pouca coisa vem em memória, já que nossa presença (eu e meus primos) e participação nesses eventos estavam em nível de infância. Assim, enquanto meus pais estavam na festividade, nós procurávamos construir nossa história em contato e partilha de conhecimentos que já nascia no coração de cada um.

Todavia, enquanto as flautas do *carriço* se formavam pelo sopro, o ritmo das habilidades dos pés levantava a poeira e o ecôo dos sorrisos dos nossos pais se estendia à longa distância da comunidade, nós construíamos nosso ser Tukano, entre medo, coragem e liberdade. Assim, flechar os peixinhos, calangos, balar passarinhos e andar de canoa no rio eram nossas atividades prediletas, e esse ritmo de vida, porém, se desmontava quando deixávamos a comunidade rumo a outros lugares, como garimpo. Em geral isso mostra uma forma de unidade.



### 3 Vida de garimpeiro

Um dos momentos mais difíceis e perplexos foi o período em que vivi como garimpeiro, um espaço que pelo fato de ser fonte de renda econômica, a presença ou passagem tornou-se tradicional para as populações indígenas.

Estive no garimpo por três vezes. A primeira viagem foi para o garimpo colombiano e a segunda para o Tukano; embora eles sejam próximos, o primeiro está instalado no território colombiano, e o segundo no território brasileiro.

Quando estive no garimpo colombiano estava com quatro anos de idade. A princípio estávamos em busca de ouro, um minério ainda hoje muito requisitado pelos indígenas como alternativa econômica. A viagem foi longa e exaustiva no coração da selva. Durante a viagem pernoitávamos às margens de igarapés como é de costume na região. Éramos surpreendidos por animais silvestres, assim como abatíamos para o consumo, e não tinha que se sacrificar para buscá-los à longa distância. A natureza sempre surpreendia-nos, aliás, essa questão é muito cultural quando ocorre uma viagem distante da comunidade local. Em ocasiões como essas, os indígenas procuram tomar todo cuidado para não serem prejudicados na saúde pessoal e no bem estar do grupo. Esse cuidado começa desde o reparo da panela no fogo, na conservação da alimentação e do corpo<sup>14</sup>. Com isso evitam a reação da natureza com chuvas e trovejadas e mesmo qualquer acidente inesperado como ataque de cobra venenosa, de onça, do curupira e outras seres existentes na floresta. É o que aconteceu quando acampamos as margens do igarapé Bicho-do-pé nas proximidades da serra Pula-Pula, de belo espetáculo.

Ao entardecer, minha irmã e minha mãe armaram uns gravetos para preparar o jantar, e num descuido deixaram a panela passar no fogo<sup>15</sup>. Em questão de segundo, o tempo se transformou temerosamente. O dia, que entardecia de forma esplêndida, escureceu rapidamente; a água do igarapé, que não era de nada aos nossos olhos, se avolumou e ainda alagou nosso acampamento. A ventania parecia arrancar as raízes de grandes árvores que com suas copas pareciam tocar o chão e soltavam seus galhos abaixo. Frequentemente, caíam as bolas de cupins das árvores. Um espetáculo de amedrontar qualquer um. Nessa hora vale a importância do *kumu* (benzedor) para acalmar por meio do seu benzimento as forças naturais. Meu pai, que respondia por esta função naquele momento, benzeu com breu e, juntamente com a brasa do fogo,

---

14 - Nesse sentido a alimentação só pode ser consumida quando bem esquentada, enquanto que o homem, não pode tomar banho no rio quando estiver suado, além da mulher que, quando menstruada ou grávida põem em risco a própria vida.

15 - Esse fenômeno pode ocorrer quando o caldo de peixe ou de carne na panela, ao efeito da fervura, se derrama no fogo. Para os indígenas, esse sinal é de muita periculosidade, pois, acreditam que pode custar à própria vida e de quem está presente naquele momento, assim sendo, a presença de benzedor é de suma importância para acalmar a reação da natureza e dos “seres” que habitam nas florestas, rios e serras.

pediu que defumassem o local e posteriormente jogasse nas águas do igarapé. Coincidência ou fato, tudo se acalmou e pouco depois parecia que nada tinha acontecido.

Ao amanhecer do dia, seguimos para o rio Traíra, precisamente na temerosa cachoeira Machado; mas, nas proximidades do referido rio, um fato chamou nossa atenção: as grandes picadas (caminho aberto) que cortavam as florestas em linha reta, medindo aproximadamente seis metros de largura que se estendiam longamente e se cruzavam com vários caminhos. Quanto mais nos aproximávamos das margens do rio, mais picadas (caminhos abertos) se entrecruzavam, e nós estávamos com expectativas enormes querendo saber quem estaria fazendo aqueles longos e projetados caminhos. Chegando às margens do Rio Traíra é que o mistério se desvendou, pois, se tratava dos trabalhos de Paranapanema<sup>16</sup>, uma firma de mineração, cujos integrantes instalaram um acampamento à margem direita (Brasil) do rio Traíra (abaixo da cachoeira Machado), na divisa com a Colômbia.

No dia seguinte, seguimos a caminho pelo lado colombiano até a localidade do nosso destino: o garimpo. Na sua juventude, na Colômbia, meu pai e um grupo de amigos, foram sequestrados pelos guerrilheiros<sup>17</sup> das FARC, precisamente para serem estivas, e ficaram por seis meses nas selvas colombianas quando conseguiram fugir através das longas e distantes margens do rio Meta. Nesse período, uma coisa interessante que meu pai conta é o encontro com um grupo Tukano que encontraram naquele rio, já nas proximidades da fronteira com o Peru. A única diferença era a expressão linguística de algumas palavras como *kee e diaye*, ou seja, as duas palavras têm o mesmo significado, *cachorro*, mas a primeira é do grupo Tukano que o meu pai encontrou no rio Meta. E para a surpresa do grupo conseguiram desertar-se das FARC; porém, ficou em sua memória nomes de alguns chefes da guerrilha, entre os quais, Joel Marín e Cláudio Moreno, este ainda menino e que no campo de treinamento de armas era o melhor. Ao saber que os dois estavam no comando da guerrilha meu pai ficou temeroso, pois, aos fugitivos da guerrilha, a morte era certa. Logo que se aproximou de Joel Marin, meu pai tratou de fazer as pazes e conversaram longamente como que dando justificativas da fuga: “bueno don Joel Marin, ahora stoy de vuelta”. Poucos dias depois, seguimos para outro local conhecido como Pista, também um garimpo colombiano.

Garimpito estava sob as ordens das FARC comandada por um homem de estatura baixa que se chamava Cláudio Moreno (o menino bom de tiro que meu pai tinha visto na sua juventude, agora era comandante da guerrilha) e sua companheira

16 - Cabalzar (2006, p. 98) mostra que “a Paranapanema... tinham seus interesses protocolados junto ao Departamento de Produção Mineral (DNPM) em Brasília e contavam com o apoio de autoridades federais e estaduais. No campo, mantinham milícias privadas para controlar suas áreas de interesse e afastar os garimpeiros, o que contribuiu para obterem o apoio de lideranças indígenas”.

17 - Conforme os relatos do meu pai Luciano Barreto, na Colômbia, “os guerrilheiros sequestravam crianças, moças e rapazes para serem integrantes da guerrilha”.

Rosita. Pela promessa de muito ouro, atraiu muitos civis colombianos, obviamente. Semanalmente, meu pai e sua tropa, além dos Makuna, eram convocados para reuniões secretas, fora do garimpo, com Cláudio Moreno e Joel Marin. A vida no garimpito seguia tranquila quando um fato mudou totalmente o clima. Estando sob o comando das FARC, os garimpeiros tinham que obedecer às ordens impostas deles e sob as orientações de Cláudio Moreno, e, uma das orientações era a proibição de bebidas alcoólicas. Certo dia, um garimpeiro chegou com algumas garrafas de bebida alcoólica, e, na noite em que ele chegou, os boêmios se animaram até altas horas. Ao amanhecer, o comandante foi até o “garimpo”, como era chamado o cidadão, para alertá-lo a não fazer mais isso, e lhe pediu que se retirasse de imediato daquela localidade. Assim, foi a primeira e segunda orientação. O cidadão parece que estava querendo conhecer realmente o “outro mundo”, quando voltou ao garimpo pela terceira vez portando novamente bebida alcoólica. Desta vez, Cláudio Moreno não estava na sua barraca no dia em que o cidadão chegou ao garimpo, mas chegou no dia seguinte da selva, e, logo ficou sabendo da notícia. Assim, como da primeira e segunda vez, a noite tinha se passado com muito barulho dos beberrões. Meu pai e companheiros chegaram do trabalho às 15h, caía um chuvisco nessa tarde, quando da nossa barraca escutamos os três tiros de pistola. Em poucos minutos circulou notícia de que Cláudio Moreno tinha executado “garimpo” no seu trabalho. Logo, as pessoas se dirigiram para o local onde estava estirado o corpo. Muitas pessoas estavam assustadas e apavoradas, eu chorava de medo, pois nunca tinha visto pessoas morrerem assim, ou melhor, essa forma de resolver uma situação em conflitos não fazia parte do meu contexto cultural; quando muito, havia desentendimentos, discussões e até certos empurrões sob efeito do caxiri.

Estando no coração da selva, todos os garimpeiros se juntaram para sepultar o corpo com preces, cantos e orações católicas. Até então, só tínhamos visto Cláudio Moreno e Joel Marín, mas no dia seguinte do assassinato, o acampamento foi tomado pelos integrantes da guerrilha que saíam da selva em pequenos grupos de duas a três pessoas, aumentado em número expressivo no dia seguinte, com praticamente todos armados. Ao mesmo tempo, correu boato de que o exército do governo colombiano viria expulsar a guerrilha. Logo as pessoas foram tomadas pelo medo na possibilidade de conflitos. Em questão de dois dias o acampamento se esvaziou. Nessa ocasião, o comandante fez uma reunião com os integrantes afirmando que mandariam de volta o exército do governo colombiano. A tensão durou praticamente quinze dias, mas as especulações só ficaram nas expectativas.

Sem querer e por acaso meu pai estava preso novamente com as FARC, certamente, o medo parecia consumir o seu coração, quando resolveu voltar ao Brasil, mas com uma condição: que deixasse os mais jovens e retornar ao garimpo com mais pessoas para serem integrantes da guerrilha. Essa foi a nossa salvação para podermos

retornar à nossa comunidade. Particularmente, ficaram muitos questionamentos na cabeça, o porquê de matar um homem cruelmente e, além disso, a reação das pessoas em largar tudo em dois dias para salvarem suas vidas que estavam sob o domínio de um pensamento um tanto ideológico e cruel. Por outro lado, percebi que aquele lugar concentrava pessoas de diferentes lugares, muitos vinham de cidades distantes em busca de uma alternativa e possibilidade de mudança de vida. Assim, existiam os garimpeiros que diariamente se dirigiam aos locais de seu trabalho, com suas picaretas no ombro, sarrapilhas, bateia e cuia nas costas, pá e palim nas mãos. Vez ou outra acompanhava meu pai para ver aquele mundo um tanto cruel. Cruel, porque é uma vida sofrida. Por outro lado, existiam os comerciantes que castigavam os garimpeiros com preços altos. O sonho de cada garimpeiro nessa ocasião (inclusive hoje) era bamburrar ouro em algum momento. Muitos realmente conseguiram bamburrar muito ouro em primeiros momentos. Assim, o vai e vir dos garimpeiros proporcionava àquele lugar uma vida social diferenciada em relação à vida cotidiana que levavam em seus locais de moradias primordiais; inclusive, nós.

Em 1986, meus pais foram ao garimpo Tucano, posteriormente seguiram à Vila Biteincourte na foz do rio Traíra. Na mesma ocasião, frequentei os primeiros anos de escola. Como queria estudar, meu pai<sup>18</sup> deixou que eu ficasse na casa do meu tio Ovídio Barreto, enquanto meus familiares foram ao Garimpo Tucano<sup>19</sup>, no rio Castanho<sup>20</sup>. Praticamente, estive no Garimpo Tucano por duas vezes e cada uma dessas viagens marcou diferentes momentos e desafios em minha vida.

Não tenho em memória tudo o que passou nesse ano, mas o que me marcou foi a presença das irmãs salesianas que faziam exames (aplicação das provas) nas escolas rurais. Enquanto alunos, aprendíamos a escrever e ler conforme as orientações dos livros, mas não sabíamos falar a Língua Portuguesa, mesmo assim recebia elogios das irmãs. No fim do ano letivo, fui avisado de que iria ao Garimpo Tucano<sup>21</sup> para encontrar-me com meus familiares. A viagem foi longa e sacrificante, mesmo assim superei esse desafio, e tive que aguardar algum tempo até que meus familiares chegassem, uma vez que estavam em outro lugar.

---

18 - Hoje penso, com todo respeito ao meu pai, que foi um ato de coragem em deixar seu filho com seis anos e viajar. Simplesmente confiou seu filho à família do seu primo paralelo. Confesso que foi muito difícil, ainda mais eu menino, não sabia fazer nada que pudesse satisfazer a família que me acolhia. Aliás, morar com famílias diferentes os primeiros dias sempre bons, ao passado que o tempo vai passando o inverno começa a presenciar constantemente.

19 - Se chama assim, porque, foi descoberto pelos Tukanos de São Domingos Sávio, sob a liderança de Cláudio Barreto, hoje as atividades continuam na produção de subsistência.

20 - Rio Castanho é afluente do Rio Traíra.

21 - Já com idade de 11 anos, isso entre 1993/94, estive novamente no Garimpo Tucano, além disso, nos aventuramos como pesquisadores de ouro e pescadores nas águas dos rios Castanho e Traíra, contudo, nem um e nem outro proporcionaram uma alternativa de vida, a não ser uma mísera sobrevivência a custo de migalhas alimentícias.

Enquanto aguardava me virei como pude a troco de comida e lar. Sofri muitas repreensões verbais pelos que se responsabilizavam por mim naquele momento, mas a coragem e busca pela liberdade falava mais alto no meu pensamento. Certo dia, quando o tempo parecia estar melancólico avistei de longe duas pessoas se aproximando, a poucos metros que os separava de mim, reconheci que era meu pai Luciano e meu irmão César e pelo espírito infantil que carregava dentro de mim não segurei as lágrimas. Tratamos logo de descer ao porto do Garimpo Tukano<sup>22</sup>, até então, estávamos no Garimpo Desana<sup>23</sup>, para encontrar-me com minha mãe que aguardava aos prantos. Esperava rever minha mãe saudável como na comunidade, mas agora estava enferma e nunca mais seria a mesma, doença essa que levou ao seu falecimento em 1992, na Ilha de Caju, no baixo Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira.

Retornamos à Comunidade São Domingos Sávio e toda vez que há um retorno para uma comunidade há procedimentos para reestruturação local<sup>24</sup>. Isto para dizer que a presença do homem em determinado lugar é a que faz diferença, ou seja, uma comunidade indígena só manifesta a totalidade de sua existência quando os indígenas estão presentes e, portanto, são eles que caracterizam a formalidade de uma comunidade a partir da expressividade de sua organização sociocultural e famílias nucleares.

## 4 Dormindo na praça da cidade

No ano de 1994, passei a me aventurar na cidade de Santa Isabel do Rio Negro e passamos a morar numa ilha a 2 km da cidade onde, sem nenhuma expectativa, começamos a nos estabelecer junto ao desconhecido. Tudo era novidade, imaginando

---

22 - Nesse Porto, tinha acontecido em pouco tempo atrás, um conflito entre os indígenas e grupo de peões, como eram conhecidos os brancos, liderados pelo Luis Moreira. Os indígenas, sob o efeito da magia de *urpi m-âroâ* (cigarro de armas de guerra) do pajé Karsaw- (matapi), foram atacar os peões enquanto estes estavam tomando café da manhã. Essa ação foi para conter a invasão dos brancos no garimpo, porém, estavam no meio dos indígenas alguns que também eram vistos como peões, mas, casados com mulheres Tukana, como é o caso de Silvio França, de Santa Isabel, que era casado com senhora Alexandrina, Tukana de Pari-Cachoeira, esse efetivou tiros mortais contra os peões, outros utilizaram armas brancas. Só Luis Moreira é que escapara do massacre, inclusive, surgiram muitas lendas a respeito do homem que era negro, ou seja, de que o golpe de machado só deixou um risco na pele e que tenha saltado na mata ultrapassando em grande estilo um touco de pau que era bastante alta. Ocorre que os corpos foram enterrados em uma única cova do outro lado do acampamento, por isso, o local era temido, pois, havia muita visagem durante a noite e até mesmo durante o dia, ao menos que estivesse em grande grupo. Contudo, os indígenas conseguiram conter a invasão que se especulava da parte dos peões. Tudo isso, só ouvimos pelas notícias na comunidade. Outros detalhes ver, por exemplo, Cabalzar (2006:99).

23 - Assim como Garimpo Tukano, descoberto por Tukanos, o Garimpo Desano foi descoberto pelos índios Desana, porém, em pouco tempo a exploração de ouro esgotou, ao contrario do Garimpo Tukano que persiste até os tempos hodiernos.

24 - Capinar roça ou fazer uma nova, construir ou reformar casa, limpar o terreiro da casa, limpar o caminho do porto, capinar ao redor das plantas frutíferas como pé de abacate e bananeiras.

que estaríamos chegando à grande cidade de desenvolvimento esplêndido; porém, essa visão deixou de existir à medida que fomos conhecendo o ritmo de vida e os procedimentos formativos desse município.

Já no ano de 1995, meu pai e meu irmão foram conversar com os salesianos e conseguiram trabalho na vacaria. Meu cunhado e minha irmã se projetaram para construção da roça a longa distância, uma vez que em locais próximos não era permitido derrubar floresta, ou melhor, todo espaço tinha seu dono. Eu e meus irmãos Luis e Paulo César, fomos para escola das irmãs salesianas, exceto César que estudava na escola estadual Padre José Schneider; agora com boletim na mão pude recomeçar os estudos na quarta série. O percurso para escola era feito com remo e canoa e, muitas vezes, éramos surpreendidos pela ação da natureza, como chuva, sol, correnteza e temporal.

Tempos depois, passei a trabalhar junto ao meu pai e meu irmão na vacaria, sob as ordens do Rvmo. Padre João Fagan, um irlandês rústico, mas que pra mim foi um grande amigo e defensor nos momentos difíceis. Quando tudo parecia caminhar bem, meu pai, minha irmã e meu cunhado resolveram voltar ao garimpo. Desta vez, decidi não acompanhar mais meu pai, pois tinha sido aprovado para a quinta série e não queria perder aquela oportunidade. Foi quando passamos a morar na casa de uma conhecida do meu pai que se radicara em Santa Isabel do Rio Negro. Depois de um tempo passei a morar no internato salesiano por sete meses e já previa permanecer ou voltar no mesmo lugar no ano seguinte quando foi suspenso devido à ausência de verbas e também atendendo às consequências dos fatores históricos junto às culturas tradicionais e que precisou passar por reformulações profundas. Por outro lado, meu trajeto escolar começou a ter uma boa procedência, assim, em 1996, passei para quinta série, em 1997 para a sexta, em 1998 para a sétima e em 1999 para a oitava. Quando passei para sexta série meu pai retornou do Garimpo Tukano e com ele meus irmãos voltaram a morar, mais tarde nos juntamos novamente. Em 1998, meu cunhado retornou para comunidade Itaperera com minha irmã e meu pai.

Ao acaso, meu irmão Luis começou fazer amizade com um colega na sala de aula e passou a frequentar a casa da família do seu amigo. Essa amizade proporcionou um acolhimento familiar inesquecível, mas, antes de morar na casa, passei a trabalhar como garçom na pequena barraca da família que ficava no centro da praça municipal. A barraca media 4m de largura e 5m de comprimento, e lá foi meu lar durante alguns meses, onde pouco a pouco fui chegando e ocupando o espaço familiar de dona Sandra e seu esposo Edílson Castro. Com o passar do tempo, fomos ganhando confiança, mesmo que contra a vontade, talvez; mas percebi que nessa família encontrei um lar que me proporcionou a prosseguir com meus estudos, além da atenção e cuidado que a família tinha comigo e com meu irmão.

No ano de 2002, terminei meu ensino médio e a partir do ano de 2003 precisava ter um direcionamento particular na vida e entre as poucas opções foi ingressar na Congregação Salesiana em que convivi nas casas dos padres por seis anos, isso envolvendo o processo de formação de vida religiosa. A experiência de vida salesiana valeu tanto que me proporcionou viajar pela maior parte do Brasil e conhecer várias culturas que se mesclam de um lugar para outro. Além disso, inspirou uma abertura formal do horizonte cultural, mas, devido a decisões particulares, desliguei-me da vida salesiana e passei a praticar um novo projeto de vida: a família e o conhecimento tradicional do meu povo.

O tempo de permanência em Santa Isabel do Rio Negro foi o período em que densos obstáculos pairaram em minha consciência. A cidade, que aos meus olhos principiantes parecia ser uma grande metrópole, aos poucos foi se desconstruindo, isto é, era uma cidade em que havia presença significativa de indígenas. Assim, existiam muitos parentes, inclusive muitos conhecidos do meu pai. Apesar disso, precisei ressignificar-me para viver aquela realidade, pois parecia que as pessoas não ruminavam bem o termo índio. Na escola, não era um assunto de interesse metodológico. Isso me fazia estar receoso com meu próprio ser Tukano, ou seja, se eu dissesse que era índio Tukano era um motivo de gozação para os meus colegas. Diante disso, eu tentei ser igual a outros jovens, mas aos poucos fui entendendo que isso não dava certo, o que tinha que fazer era ser eu mesmo. Isso foi uma decisão excelente, pois, conforme os anos passavam, fui vendo que muitos dos meus colegas eram também indígenas. A questão é que, por falarem a língua portuguesa, aqueles jovens pensavam que não eram mais indígenas, ficando a situação somente para seus pais. Hoje, a situação se reverteu, aquelas mesmas pessoas hoje passaram assumir o ser indígena. Além disso, foi nesta cidade que passei a progredir mais no domínio da língua portuguesa. Tive muitos desafios, o importante é que o meu ser Tukano continuou fluindo.

Por outro lado, pelas circunstâncias culturais de áreas urbanas em que passei a viver casei-me com uma mulher branca e nosso filho, que nasceu em Manaus, é Tukano em todas as condições culturais, ao mesmo tempo em que vive o contexto cultural materno: ser manauara; é um Tukano-Baré. Meu filho recebeu benzimentos quando ainda estava no ventre, no nascimento e no banho; recebeu o nome indígena de *Yuúpurí*<sup>25</sup> e benzimento para todo tipo de alimentação<sup>26</sup>. Seguindo aqueles procedimentos que nos levam de volta para certo princípio e esquema social genericamente ameríndio e particularmente Tukano.

25 - Em Tukano se diz *beriporã barsese* (benzimento do coração). O nome indígena é para dar seqüência nominal de um determinado grupo Tukano.

26 - Embora estando na cidade meu pai cuidou de fazer todos os procedimentos rituais para os casais com filho, e, minha esposa acompanhou todos os detalhes, as vezes, parecia incrédula, mas que sempre respeitou a cultura indígena com maior delicadeza conforme as minhas explicações e transmissão de ensinamento.

Mas nem tudo flui da melhor forma, pois os familiares da minha esposa me negaram a princípio. Assim, nos primeiros momentos de aproximação, senti na pele o efeito do preconceito: é como a pessoa estar entre as pessoas que não querem que você esteja aí no meio deles. Mas a questão é que essa situação foi sendo superada com o tempo de convivência e as coisas foram revertidas. Entendo que o espaço urbano para mim ainda não ofereceu uma estrutura adequada, mas o padrão de vida não é idêntico ao que tinha na minha aldeia. Assim, as questões sociais também são bastante complexas, ou seja, em todos os lugares que ando na cidade sou diferente, falo fluentemente a língua portuguesa, mas sou observado, praticamente já entendo bem o ritmo louco do contexto urbano, mas não tenho voz e vez. São situações muitas vezes constrangedoras, e mesmo que tenha curso superior e acréscimos de graduação não temos a mínima chance de ingressar no mercado de trabalho, a não ser que haja envolvimento em alguma associação indígena para se pintar e dizer que é índio, fazer manifestação expondo arco e flecha para a polícia, mas entendo que essa expressividade não faz parte do meu ser indígena.

São essas situações que diariamente continuam acontecendo na vida dos indígenas que moram em área urbana como a cidade de Manaus, mas que sempre a ideia de retorno para as bases étnicas flui na mente, principalmente dos homens indígenas.

## **Apontamentos conclusivos (da autobiografia)**

O tempo que vivi em São Domingos Sávio, por mais que tenha sido descontínuo, marcou minha experiência cultural com princípios muito particulares. Partir para o garimpo e me aventurar nas selvas brasileiras e colombianas foi uma experiência radicalmente distinta, cuja dinamização perdura até hoje também, assim como toda a formação que depois vim concluir junto aos salesianos. Reconheço esses extremos como parte da minha pessoa Tukano.

Minha trajetória revela uma faceta da dispersão do coletivo *Sararó Yuúpurí Búbera Põra* ao qual integro e esse movimento me permitiu menos um esquecimento do que um conhecimento formal sobre meu próprio coletivo. A familiarização de ambientes tão diversos permitiu-me notar com mais clareza cada diferença com desenvolvimentos socioculturais específicos.

Minhas experiências nos Garimpos Tukano (Brasil e Colômbia) elevaram-me, fazendo-me experimentar a diferença entre o vínculo do que venho chamando de contexto interno e externo. Na vida da comunidade aldeã, os homens têm uma efetivação cultural marcada pela união e liberdade em fazer fluir o ritmo de vida associado ao roçado, peixe, farinha, beiju, quinhampira, mujeca, moquiado (defumado). Suas festas comunitárias com danças de carriço, mawáco, capiwayá, yapurutú e suas bebidas como caxiri de variadas frutas; assim como warápo, além das frutas silvestres. Nesses termos, a experiência indígena se inspira nos conhecimentos de uma



cosmologia específica, na qual fatos míticos e cosmogônicos constituem parte da matriz teórica do pensamento Tukano que se manifestam através da arte dialogal, como também através das danças e ritual da vida cotidiana. Tudo isso faz parte e está presente na vida aldeã.

Vivendo na cidade, muitas vezes fui indagado se eu tinha perdido a “identidade” indígena por ter saído da aldeia. Ao que sempre respondi que não, dado que “identidade” nos termos que os brancos pensam é algo que não fez parte da pessoa Tukana. Isto descreve que, mesmo estando em diferentes lugares continuo sendo Tukano, com reconhecimento de um coletivo específico (*Búbera Põra*) que, como vimos, embora se situe no espaço não se limita a um lugar. Talvez, o que se perde quando saímos de uma aldeia para cidade não é a “identidade” indígena e, sim, as práticas cotidianas dos conhecimentos tradicionais. Penso assim.

Estando na cidade não temos o mesmo curso de vida. Assim, até coisas simples tornam-se difíceis, por exemplo, tocar carriço, derrubar roça, fazer pescaria e caçar. Na cidade, vamos para escola, aprendemos na faculdade, buscamos emprego, circulamos de ônibus, enfim, hábitos da vida urbana. Fora da comunidade aldeã, um indígena depende da inserção profissional ao mercado de trabalho para obter um salário e para isso é preciso se dedicar a outras formas de conhecimento.

Na aldeia, os indígenas possuem sua farinha, seu peixe e seu beiju, quando chegam ao garimpo passam a depender de comidas como charque, arroz, feijão e a própria farinha e beiju que são comercializados em ouro a preços absurdos. Por outro lado, a saída da aldeia para cidade me proporcionou um ambiente cultural diferente, esse contato mostrou que a minha cultura não era a única no mundo e muito menos a melhor e, sim, uma forma diferente de viver e ser: a de ser Tukano.

Por muito tempo, fiquei me questionando se não haveria outra forma que salvasse a vida do garimpeiro assassinado cruelmente e se aquele pensamento alimentado pelos chefes da guerrilha poderia servir para minha vida na Comunidade São Domingos Sávio. Foi importante conhecer esse mundo, o mundo diferente do Outro para melhor situar o meu próprio.

Outra razão: convém notar que a ascendência ou a imersão para a cultura do Outro força-nos a desconcretizar a própria cultura na medida em que a participação ao contexto cultural diferente passa a exigir que se identifique com aquele rosto cultural. Assim, como consequência, podemos perceber que a minha autobiografia descreve esse caráter tradicional que passa por diversos contextos socioculturais e que na medida do tempo passa a se adaptar em realidades diferentes, seja este em situações indígenas ou em situações urbanas.

No que se trata a situações indígenas sair de São Domingos Sávio e conviver junto aos Makuna em cachoeira Machado (rio Traíra) precisei vestir o costume daquela “roupagem cultural” e me adaptar-se àqueles costumes mesmo que parcialmente. Em

outras palavras, entre os coletivos indígenas do noroeste amazônico, existe muito o caráter do que a antropologia descreve como etnocentrismo<sup>27</sup>, isto é, certo coletivo indígena procurando descrever a superioridade de seus costumes em relação aos outros coletivos indígenas. Assim, estando junto aos Makuna tinha essa similaridade, mas com o tempo passei a vestir os costumes daquele grupo, ou seja, antes tinha receio de comer junto com os Makuna porque não tinham cuidado higiênico na quinhapira que estava misturado entre peixe e barata. Ficava enjoado quando os mais velhos ou praticamente todos os Makuna consumiam exageradamente o Ipadú (pó resultante da folha de coca) e em seguida fazerem suas refeições. A questão é que eu não podia, mesmo discordando daquelas ações, descaracterizar aqueles costumes ou impor que se organizassem conforme a minha vontade e logo ao costume Tukano, assim, mesmo discordante, passei a contemplar aos fatos daquele costume e que essa medida requer reformulações na maneira de entender uma cultura partindo da sua própria cultura, ou seja, com o tempo não era mais estranho participar do momento quinhapira<sup>28</sup>; do esquisito passou a ser “familiar”.

A segunda característica, no que se trata a situações de contexto urbano, marcou um processo de transformação vivenciado por muitos indígenas do noroeste amazônico, portanto, não é um fato isolado aonde cada indígena que sai de sua aldeia passa a construir um trajeto a seu caráter, em tempos e espaços diferenciados<sup>29</sup>. Uns deixam suas aldeias por curiosidades e outros por necessidades. Mas essa migração da aldeia para área urbana determina um grau transformativo que requer adaptar-se a diversos sistemas que fazem se identificar ao contexto urbano. Nesse aspecto, confesso que nunca tive habilidade para me sentir à vontade em vestir certas roupagens culturais encontrados em contexto urbano, ou seja, não é difícil hoje ver um indígena em estilo playboizado (brinco, tatuagem, bermudão...) e penso que em muitas ocasiões uma estilização ao contexto urbano leva à negação de sua própria culturalidade. Assim, o primeiro passo realizado para meu ingresso e adaptação ao contexto urbano foi o aprimoramento da língua portuguesa. Penso que o melhor exercício para conhecer

27 - Conforme Laburth-Tolra (2008, p. 31), a ideia de etnocentrismo “consiste em manter a sua própria civilização e suas próprias normas sociais (construídas e depois adquiridas) como superiores às outras”.

28 - Rezende (2010, p. 11) falando de um contexto Tuyuka ou precisamente de uma educação, *biar-yara atiya* (venha comer pimenta), do que estou chamando aqui como momento quinhapira, diz que esse momento ou essa prática de comer quinhapira “possui significados profundos para os povos que vivem na região do alto rio Negro – AM: tuyuka, tukano, desano, piratapuaia, tariano, arapaso, bainiwa, hupda, kubeu, miriritapuaia, barasana, wanano... A prática de *biar-yara atiya* entre estes povos acontece de forma semelhante. A leitura sobre tal prática está situada dentro da compreensão da educação indígena...”.

29 - Falando das “causas gerais da emigração” para área urbana como a de Manaus, Bernal (2009:158) diz que “a população indígena adulta de Manaus está majoritariamente constituída por imigrantes dos anos 1970 e 1980, indivíduos e famílias que se estabeleceram nas periferias urbanas, seguindo lógicas diferentes segundo etnias e sua região de origem: estruturas familiares para os Sateré-Mawé, lógicas geográficas e de solidariedades no caso das populações do Alto Rio Negro. A criação e o desenvolvimento da Zona Franca foi o último elemento que atraiu uma grande parte da população que se reconhece indígena na cidade...”.

e viver na cultura diferente é aprendendo a língua, e mesmo assim, reconheço que pelo fato de falar hoje fluentemente a língua portuguesa não me condiciona, não me torna ou tenha me tornado “homem branco”, mas me possibilitou ter um meio de comunicação dentro de uma cultura diferenciada.

Por fim, todas essas coisas que narrei de modo confuso e limitado pelas dificuldades que o português escrito proporciona, encerro esse contexto observando que muitas vezes a minha própria trajetória espelha de modo exemplar a trajetória dos próprios Tukanos do alto rio Negro. De modo ainda mais preciso, expressa também a trajetória do coletivo *Sararó Yuúpurí Búbera Põra* de São Domingos Sávio. Como vimos, marcada por seguidos movimentos pendulares de idas e vindas, no espaço e no tempo, nos princípios e nos esquemas, um modo particular de ser, pensar, agir e atuar no mundo.

## Referências

- BERNAL, R. J. *Índios Urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus*. Manaus: EDUA/Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009.
- CABALZAR, A.; RICARDO, C. A. (eds.). *Povos Indígenas do Rio Negro: uma introdução à sociambiental do noroeste da Amazônia brasileira*. São Paulo: Instituto socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2006.
- COSTA, Mauro Gomes da (org.). *A ação dos salesianos na Amazônia*. São Paulo: Editora Salesiana, 2009.
- LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LASMAR, Cristiane. *De volta ao lago de leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro*. São Paulo: Editora UNES/ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.
- REZENDE, Justino Sarmento. *A educação na visão de um Tuyuka*. Manaus: Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2010.
- SEEGER, A.; DAMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, v. 32, p. 2-19, 1979.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

